

A civilização ocidental

» SACHA CALMON
Advogado



Após Roma, o ocidente se tornou cristão. Essa civilização opõe à criação do homem já adulto e sexuado, sem pai — a não ser Deus, nem mãe — esta feita da costela do homem, à ideia totalmente diferente, ou seja, o processo de evolução das espécies. Essa última é uma lição científica. O criacionismo é ideia religiosa. O inglês Darwin é o pai da evolução das espécies.

O narrador principal é o jesuíta Teilhard de Chardin, o que é surpreendente. Logo depois Morgan, antropólogo americano, mostra a evolução da espécie humana. São 70 mil anos de selvageria, 20 mil anos de barbárie e 10 mil anos de civilização, que coincide com o pastoreio, o sedentarismo e a agricultura às margens das bacias dos grandes rios (Amarelo na China, o Indo na Índia, Mesopotâmia Tigre e Eufrates e Nilo no Egito).

É uma história diversa da contada pela Bíblia, com Gêneses, Noé, os patriarcas e o êxodo. Para a tradição judaica desde Adão até hoje se passaram 5.800 anos, se tanto. Na pré-história da Torá. Abrão tinha mas não podia ter camelos, introduzidos na região 900 anos antes de Cristo. Testes a carbono de ossos de camelo provam a assertiva. Dois autores judeus alegam que a Torá foi escrita por Josias em 640 a.C. Nunca houve Israel no Egito e nem aconteceu o êxodo. A arqueologia prova que Jericó nunca teve muralhas. São Israel Finkelstein e Neil Silberman os autores que agora são referidos. Em verdade seca secular levou os povos da Palestina até o leste do delta do Nilo!

O interesse de Josias no Deuteronômio era criar uma mística para enfrentar o faraó Necau e a Babilônia. Não teve êxito e desde então Javé deixou de operar milagres. É curioso notar que depois do mito da fuga do Egito e das conquistas de Josué, o povo de Javé não venceu nenhuma guerra, até o século 20.

Perderam para egípcios, assírios, babilônios, persas, gregos, romanos, bizantinos, árabes, islâmicos, turcos otomanos, até a recriação pelo ONU de Israel, quando deixou de ser protetorado britânico para tornar-se Estado soberano. Como se explica um Deus tão poderoso e milagroso e depois tão sossegado no curso histórico? Cristo é uma outra tradição. Foi condenado por Caifás e Pilatos, por Roma, lavou as mãos!

Em seguida com esforço em Jack Miles, Morgan, Cohn, Paul Jonhson, Karen Armstrong, Ferdinand Lot e Ernest Renan, se entremostra a total incompatibilidade entre Javé e Jesus. O “link” foi uma fatalidade histórica porque até 150 d.c, todos os discípulos eram judeus. Sem nada ter escrito, Jesus foi ligado ao velho testamento por dois elos frágeis: as canções do servo de Isaías 2 e as compilações apocalípticas de Daniel, que são desesperadas, ao estilo do judaísmo do segundo templo e das guerras macabéias (messianismo).

A doutrina cristã, originalmente avessa ao oficialismo, ao ser incorporada pelo Império Romano, disseminou-a pelo mundo ocidental, com os papas do medievo e seus poderes

materiais (dos pontífices romanos). Mas o que se postula é uma espiritualidade superior à dessa civilização, que é intolerante além de basear-se no mito do pecado original.

As religiões semíticas (judaísmo, cristianismo e islamismo) são antropomórficas. Com autoridades iguais a dos homens os deuses são legisladores, administram a lei e julgam a humanidade, seguindo-se o céu ou o inferno para todo o sempre (teogonia agoniada). É um reles final jurídico e aterrorizante para os fiéis, em tudo contrário a espiritualidade evoluída, menos agressiva e repressiva, como reconhecida por Freud e Marcuse em *Mal-estar da civilização e Eros e civilização*.

Em suma as Religiões são técnicas de controle social que falam em virtudes e dominam pela inflição de ameaças, penas e castigos, tal e qual o direito, universal no planeta Terra. Por toda a parte a lei organiza, reprime e conforta as sociedades humanas (máquinas sociais).

Os sistemas normativos (direito, moral e religião) produzem pautas com valores e crenças positivas e negativas para conduzir as sociedades humanas. Eric From desenvolveu com mestria, doutor que era de psicologia social, essa ligação evidente, mas pouco percebida entre repressão e civilização. Civilizar e reprimir e já começa na primeira infância. Aqui a contribuição de Freud.

Isso não quer dizer que o senso crítico desaparece. Ele aqui está a dizer que a mística e religiosidade não são somente repressivas e instrumentais. Nisso reside o grande clarão que os místicos perceberam, procurando o ID encoberto e reprimido. Eis o Buda, São João da Cruz, Mestre Echakt entre outros, incluídos os suítes islâmicos, fora dos padrões oficiais.

A invenção do monotheo não é apenas judaica, mas intuição do taoísmo do xintoísmo e do budismo. São catarses metafísicas sob a capa da “iluminação” ou “oração” ou simplesmente “fé”. Mas se Deus é amor incondicional e superior estamos todos salvos.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Os desafios do crescer e multiplicar

Em 2023 a população mundial atingirá a surpreendente marca de 8 bilhões de pessoas. Segundo os cientistas que analisam os impactos que uma massa humana dessa magnitude provoca sobre o ambiente, esse número é demasiado para o planeta que vai experimentando o fim progressivo de seus recursos naturais. Ao mesmo tempo em que a taxa demográfica mundial explode, a população vai migrando para os grandes centros urbanos.

Até 2030, a maioria da população mundial estará se concentrando nos centros urbanos, aumentando, assim, as emissões na atmosfera de gases de efeito estufa como o carbono. Com isso, haverá a necessidade, cada vez maior e até vital em tornar as cidades mais sustentáveis e adequadas aos novos desafios ecológicos exigidos por um mundo densamente povoado e complexo. Até 2030, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a população deve chegar em 8,5 bilhões. Nessa mesma época, o Brasil deve atingir, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) seu pico de crescimento demográfico, ficando com aproximadamente 207 milhões de habitantes.

Parte do mundo, inclusive o Brasil se prepara para essa nova realidade. Para isso foi criado em 2015 a Cúpula das Nações Unidas, reunindo 193 países que decidiram, em comum acordo, estabelecer uma mega agenda de compromissos com 17 objetivos ambiciosos a serem conquistados até 2030, subdivididos em outras 169 metas, a fim de superar os desafios de um novo desenvolvimento, todo ele voltado para o crescimento sustentável global.

Na linha de frente ficaram os desafios sociais e ambientais, guiando o restante, todos eles interdependentes e caminhando junto. Desse modo, foi decidido que os países que celebraram esse acordo teriam, em outros desafios, que erradicar a pobreza; implementar uma agricultura sustentável e que acabe com o flagelo da fome, propiciando a chamada segurança alimentar para todos; assegurar saúde e bem-estar para todos e para todas as idades; promover uma educação de qualidade inclusiva e universal.

Entre esses objetivos inclui-se ainda medidas que para muitos ainda são polêmicas, como a garantia de igualdade de gênero e empoderamento de todas as mulheres e meninas; garantir também a disponibilidade de água potável e saneamento básico para todos; assegurar o acesso à energia limpa, renovável e barata para todos; promover o crescimento econômico com trabalho decente e inclusivo para todos; construir infraestrutura resiliente e promover a industrialização sustentável, com fomento para a inovação; redução, das desigualdades dentro dos países; tornar as comunidades sustentáveis e seguras; assegurar padrões responsáveis de consumo; tornar urgente o combate as mudanças climáticas; conservação dos oceanos e dos recursos hídricos; proteção e recuperação da vida terrestre com a preservação de florestas e combate a desertificação; promoção de sociedades pacíficas, com acesso à justiça; e por fim o fortalecimento das parcerias para a revitalização global.

Para os cientistas e pesquisadores que estão envolvidos nesses projetos, os desafios a serem enfrentados são imensos e não terão um término para sua execução total, ainda mais quando se sabe que, até pelo menos o ano de 2100, a população continuará aumentando. Com isso fica claro que até 2100 o crescimento populacional será o maior de todos os desafios enfrentados pela humanidade.

» A frase que foi pronunciada

“Nos próximos 10 anos, prevejo, o convencional movimento ambiental que reverterá sua opinião e ativismo em quatro áreas principais: crescimento populacional, urbanização, organismos geneticamente projetados e energia nuclear.”

Stewart Brand

Realidade

» Na semana passada, duas mangueiras foram derrubadas na 305 sul, em nome da segurança e estética. Aquela superquadra traz um silêncio assustador. Nos primeiros anos da capital da República o barulho da meninada brincando era música constante. Bicicleta, patins, futebol, não faltava diversão. Hoje a violência, o medo, os perigos iminentes não permitem mais o direito de ir e vir das crianças. As experiências da infância estão diretamente ligadas a computadores e tablets. Não foram só as mangueiras que morreram.

Fica esperto!

» Um anúncio chama a atenção mundial. A iniciativa do ministro Oliver Dowden do Parlamento Inglês, faz o globo terrestre ficar atento. O governo britânico deu ordem para a retirada de todas as câmeras de vigilâncias chinesas que estejam em edifícios relacionados com a segurança do país.

» História de Brasília

É lamentável que o plano educacional de Brasília, em toda a sua plenitude, não seja seguido, mas já que está assim, ninguém pode deixar ir tudo de águas abaixo. É preciso haver uma solução, e esta, pelo menos, foi a apresentada. (Publicada em 13.03.1962)

No Planalto, de olho no planeta

» CÉLIA XAKRIABÁ

Doutora em antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é deputada federal eleita

» SÔNIA GUAJAJARA

Deputada federal eleita, foi coordenadora executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib)

Os xakriabá são originários do cerrado mineiro; os guajajara brotaram da Amazônia maranhense. Viemos de lugares distantes um do outro, somos brasileiras de povos diferentes, mas sabemos que pertencemos à mesma raça, a humana. Também temos a noção de que o Brasil faz parte de algo muito maior: daquela que nos acolhe e de quem devemos cuidar, a Mãe Terra. Por isso, nossos mandatos de deputadas federais serão cumpridos no Planalto, mas de olho no planeta. Essa é a principal missão da Bancada do Cocar. Queremos ajudar a botar a boiada de Bolsonaro de volta para o curral.

Na ditadura, todo cidadão brasileiro sentiu na pele o que é ser tutelado (sic) pelo Estado. Para nós, doeu bem mais: enquanto a Comissão Nacional da Verdade afirma que 434 civis foram assassinados pelos militares, entre nós foram pelo menos 8.350 entre 1946 e 1988, sendo que antes de 1964 essas mortes foram causadas mais por omissão do Estado e a partir daquele ano, por ação direta. Antes do golpe, a Amazônia permanecia praticamente intocada; a partir dele, a devastação cresceu em níveis aterradores.

Embora nos mantivéssemos a uma distância segura da política institucional e seus vícios — à exceção da brilhante atuação do Cacique Xavante Mario Juruna na Câmara Federal, entre 1981 e 1985 — a redemocratização fertilizou o solo do movimento indígena. Ainda em 1987, a Terra Indígena Xakriabá, que fica no município de São João das Missões

(MG), foi homologada. O preço que pagamos foi alto: os conflitos com invasores se arrastaram há anos, mas em 12 de fevereiro daquele ano, 15 grileiros invadiram a aldeia Sapé e assassinaram as lideranças Rosalino Gomes de Oliveira, Manuel Fiúza da Silva e José Pereira Santana enquanto dormiam.

Com o início dos trabalhos da Assembleia Constituinte, a geração que nos precedeu foi à luta para que nossos direitos fossem garantidos definitivamente. Entre os principais nomes dessa mobilização estava o Cacique Arítana Yawalapiti, levado pela covid-19 em 5 de agosto de 2020, devido à brutalidade de mais um governo autoritário — não só em relação aos indígenas, mas também com a população brasileira em geral, como ocorreu no século passado. A Constituição de 1988 não garantiu apenas nosso direito às nossas terras e o de preservarmos nossos costumes, como nos concedeu cidadania plena.

O prazo estabelecido para que todas as terras indígenas fossem homologadas era de cinco anos, em seu curto mandato o presidente Collor homologou 121. Foi um início animador, mas logo percebemos que nem mesmo o que está escrito em nossa lei máxima vale. As demarcações seguiram em câmera lenta e as invasões se intensificaram. Decidimos, então, nos organizar para valer. A despeito de sermos 305 povos e falarmos 274 línguas diferentes, temos muitas demandas em comum.

Em 2004, montamos em Brasília, pela primeira vez, o Acampamento Terra Livre

(ATL) e no mesmo ano foi criada a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), que reúne associações de todas as regiões brasileiras. Ainda assim, em 2016, mais da metade da Terra Indígena Arariboia, lar da maioria dos guajajara, foi consumida por um incêndio criminoso, entre vários outros crimes.

Com a chegada ao poder de um presidente abertamente hostil às nossas causas e apenas uma representante no Congresso — Joënia Wapichana, a primeira deputada federal indígena da história e que valia por uma aldeia inteira, é verdade —, percebemos que era a hora de altermos a política institucional definitivamente. Não é de hoje que o mundo inteiro reconhece nossa importância para a preservação da natureza, o combate às mudanças climáticas e, consequentemente, a própria sobrevivência da humanidade. Somos vozes cada vez mais ativas nas Conferências do Clima, como a COP27, da qual participamos.

Bolsonaro é reconhecido pela comunidade internacional como um dos maiores inimigos do meio ambiente. Minas Gerais e Maranhão, nossos estados natais, ajudaram a derrotá-lo nas urnas. E nós vamos colaborar para reverter no Congresso as barbaridades que perpetrou contra a Amazônia e outros importantes biomas brasileiros, que são fundamentais para o futuro da raça humana. Somos guerreiras e sábias. Temos disposição para a luta e conhecimento ancestral de sobra para isso.